

Morte, solução de vida? Uma leitura bioética do filme *Mar Adentro*

Léo Pessini

Resumo: Este artigo analisa o tema da morte assistida a partir de questionamentos levantados na película espanhola *Mar Adentro* (2004), do cineasta Alejandro Amenabar, sobre o drama do jovem marinheiro espanhol Ramon Sampedro. Além de comover platéias no mundo inteiro, o filme trouxe a público uma série de questionamentos éticos sobre a vida e a morte, dentre as quais destacam-se: qual o valor da vida humana quando marcada por deficiências que tolhem a liberdade e a autonomia? O que fazer quando não se encontra mais motivos para viver? Continuar a viver tentando ressignificar a vida seria possível ou a opção pelo suicídio assistido seria desejável como o fez Ramon Sampedro? Longe de assumir uma postura de juízes, mesmo discordando da solução final, este artigo argumenta pelo direito ao respeito ao qual todo ser humano faz jus.

Palavras-chave: Morte. Eutanásia. Distanásia. Respeito. Autonomia. Liberdade.



Léo Pessini

Professor doutor de teologia moral no mestrado *stricto sensu* em Bioética do Centro Universitário São Camilo (SP)

No início de 2005, dois filmes fizeram grande sucesso de crítica e público: *Menina de Ouro*, produção estadunidense, e *Mar Adentro*, filme espanhol, produzido por Alejandro Amenábar. O último traz às telas a história verídica de Ramón Sampedro. Os dois filmes versam sobre o mesmo tema: a questão da eutanásia, do morrer sem sofrimentos por opção.

Enquanto esses filmes concorriam a prêmios, desenvolviam-se na vida real, com ampla cobertura da mídia, dois casos que acabaram sendo acompanhados em todo o mundo. Num deles, após longa batalha judicial que suspendeu a alimentação que a mantinha viva há 15 anos, a jovem norte-americana Terri Schiavo, em estado vegetativo persistente, viria a morrer por inanição. O outro foi a agonia pública do Papa João Paulo II, que após longo calvário causado por doença crônico-degenerativa em fase terminal, Mal de Parkinson, recusa retornar ao hospital, optando por permanecer

em seus aposentos. Suas últimas palavras foram: *deixem-me partir para o Senhor*. Consciente da proximidade do final de sua vida, o Papa recusa procedimento distanásico, ou seja, o prolongamento do processo de morrer.

Esses filmes e fatos ajudaram a ampliar a reflexão sobre questões éticas ligadas ao processo de morrer, em tempos de cuidados sempre mais tecnologizados. Além disso, criaram a oportunidade no contexto acadêmico científico, de promover muitas discussões éticas sobre a questão da morte e do morrer, da eutanásia, do *direito de morrer com dignidade*, questões jurídicas, religiosas e sociais envolvidas, corroborando, nesse sentido, para muitos esclarecimentos^{1,2,3,4,5}.

Mar Adentro

Iniciemos uma aproximação reflexiva ao filme *Mar Adentro*, obra de arte provocativa, que pela dramaticidade incomoda e faz pensar. O título evoca o poema de amor *Os Sonhos*⁶, escrito por Ramon Sampedro, cuja vida é retratada no filme: a história verídica desse jovem marinho espanhol que aos 25 anos ficou tetraplégico após trágico mergulho no mar da costa da Galícia. Ao pular na água projetando-se de um rochedo, no momento em que a maré havia baixado, comprometeu irreversivelmente a coluna vertebral devido ao choque da cabeça contra a areia. Após o acidente Ramon viveu praticamente 29 anos (28 anos, 4 meses e alguns dias), sempre com

a determinação férrea de terminar sua vida, lutando convictamente na Justiça pelo direito de morrer. Seu caso foi levado aos tribunais em 1993, numa tentativa para conseguir a legalidade da eutanásia na Espanha, mas o pedido foi negado.

Na carta que dirige aos juízes, em 13 de novembro de 1996, Sampedro apresenta um argumento muito trabalhado no filme: *viver é um direito, não uma obrigação*. Ao colocar em cheque a regulação da vida e da morte pelo Estado e pela Igreja, aponta a *hipocrisia do Estado laico diante da moral religiosa*. Em janeiro de 1998, em segredo, conseguiu realizar seu intento, assistido por pessoa amiga, Ramona Maneiro. Essa amiga, vivida nas telas como a personagem Rosa, confessou no início de 2005 ter ajudado Sampedro a tomar cianureto para morrer. A confissão foi feita sete anos após a morte de Ramón, quando o delito já estava prescrito e o julgamento inviabilizado.

A discussão pública sobre eutanásia

O debate de Ramón com a Igreja sobre o direito à eutanásia é estabelecido com Padre Francisco, religioso também tetraplégico, que resolve visitar Sampedro – que está no segundo andar da residência, mas como a escada é muito estreita não permite a passagem da cadeira de rodas do padre. Os dois então se comunicam com a ajuda de um porta-voz, um seminarista, que corre pateticamente de um lado para o outro, levando os recados. A discussão

esquenta e o padre e Ramón passam a se comunicar aos berros e sem mediação. O sacerdote católico argumenta pela importância de manter a vida: *uma liberdade que elimina uma vida não é liberdade*. Contrapondo-se, Ramón proclama a falta de moral da Igreja para falar de respeito à vida frente ao que ocorreu na Inquisição: *uma vida que elimina uma liberdade não é vida*.

Ramón deixa um testamento onde argumenta contra a tese da *vida como obrigação*, sinalizando as tensões e questões de poder que permeiam a vida e a morte: *Senhores juízes, negar a propriedade privada de nosso próprio ser é a maior das mentiras culturais. Para uma cultura que sacraliza a propriedade privada das coisas – entre elas a terra e a água – é uma aberração negar a propriedade mais privada de todas, nossa Pátria e reino pessoal: nosso corpo, vida e consciência, nosso Universo*.

Há um questionamento da sociedade civil e política como invenções que aprisionam corpos e mentes. Manejar corpos é uma forma de controlar mentes. Fala-se em liberdade e direito, mesmo quando paradoxalmente nega-se a opção de escolher entre a vida e a morte. Esse direito é negado em nome da civilidade e da religião. É o que o filme mostra.

No universo das relações entre as pessoas

A relação de ajuda pastoral apresentada no filme pelo padre é uma verdadeira

caricatura. Nesse aspecto o filme é parcial e tendencioso, intervém a voz da fé cristã na figura um pouco ridicularizada do padre paraplégico. Antes de visitar Ramón, o padre pronuncia-se na televisão sobre o caso, sem conhecer a realidade. Diz que se ele estivesse bem cuidado pela família, certamente não desejaria morrer – acusando, assim, os familiares de desleixo. Na visita, recebe o troco de Manuela, a devotada cuidadora de Ramón, que questiona o dito pelo sacerdote na TV: *amo-o como a um filho. Não sei se a vida pertence a Deus e não pertence a gente, mas sei de uma coisa, você tem uma boca muito grande...* Bela indicação de que a relação de ajuda simplesmente não aconteceu.

Se por um lado temos o sacerdote, que tanto por sua condição física quanto por ser representante da doutrina católica tenta dissuadir Ramón da idéia de morrer, lembrando-lhe dos valores da fé cristã, por outro uma personagem se opõe diretamente ao padre, a advogada Júlia, que quer cuidar do caso de Sampedro. Portadora de doença degenerativa hereditária (Cadasil), caracterizada por acidentes vasculares freqüentes que conduzem à invalidez e demência, a advogada procura levar a discussão e legitimação do caso para o plano racional e legal. Ao mesmo tempo, Júlia é o canal entre o espectador e as poesias, as viagens e toda a vida de Sampedro antes do acidente. Júlia ajuda Ramón a escrever um livro, publicado com o título *Cartas del inferno*⁶, obra que

deu origem ao filme *Mar Adentro*. Com ele partilha cigarros, troca beijos, afetos, impossibilidades, desejos, frustrações e a morte como finalidade.

Como interpretar as relações de Ramón com as duas mulheres que com ele desenvolvem uma relação afetiva, Rosa e Júlia? Rosa, jovem simples e desajeitada, oriunda do contexto rural, entra na vida de Ramón após vê-lo em uma entrevista na televisão, na qual expressa o desejo de morrer. O encontro entre eles é conflituoso. Ramón a chama de mulher frustrada, que busca conhecê-lo apenas por piedade, impondo sua agenda racional: *ser minha amiga é me respeitar. Não me julgue*. Dirige-se a ela com palavras duras que podem ser a chave para interpretar o mistério de sua personalidade: *não me ponhas a responsabilidade de dar um sentido à tua vida*. É justamente essa mulher, Rosa, que vai ser solidária a Ramón na opção de dar um fim à vida.

Júlia identifica-se com a situação de Ramón e o vê a partir do grave problema de saúde que tem, o que acabará por deixá-la em estado de demência completa. O amor impossível entre ambos cristaliza-se na vontade comum de que a morte ocorra no mesmo dia da publicação do livro. É um amor que cresce ao abrigo não do desejo de viver, mas do desejo de morrer.

Os motivos de Ramón e Júlia são, contudo, diferentes: em Ramón temos a pre-

sença de uma motivação até certo ponto sartriana: ele sente a existência como inútil. Júlia tem medo da degradação e perda da dignidade na altura em que a doença a transforme em vegetal. Frente a essa situação o filme silencia questão muito importante: *quem decide da dignidade da vida, é o próprio que declara que sua existência perdeu toda a dignidade ou não será a tarefa ética dos outros seres humanos, dos acompanhantes, ajudados pela sociedade, de reivindicar e reclamar esta dignidade do doente, lutando, por assim dizer, contra a impressão – eventualmente compreensível por parte do doente – de perda de dignidade?*⁷

Da janela, uma paisagem lindíssima se descortina, traz o vento a remexer as cortinas e os desejos de liberdade e movimento. Daquela abertura da janela, o mundo todo se apresenta a Ramón Sampedro. Já na primeira cena do filme, o espectador é colocado no lugar do protagonista, diante da janela e dos desejos, sonhos e impossibilidades que se apresentam. Ao sobrevoar a terra e o mar, realiza a metáfora da liberdade do espírito, que fala da possibilidade de lutar pela liberdade mesmo em condições extremas e cruéis.

O sentido da liberdade em jogo

Penso que um dos núcleos do filme é a questão do sentido da liberdade. Ele tenta provar que é na morte que se reencontra a alegria, no caso de tetraplégico ou de pessoas atingidas por doença incurável. Faria

parte da dignidade da pessoa o fato de poder dar-se a morte, para realizar o desejo de se *libertar do corpo*, do corpo deficiente e doente. Isso não me angustia, tal como se verifica na noite dramática em que Ramón demonstra firmeza no sentido de buscar a morte, grita, compulsivamente: *por que morrer, por que morrer?* A liberdade é reclamada, mas uma liberdade para quê? Para realizar qualquer coisa de vida? Não, somente para morrer: *uma liberdade para a morte*. Será que é esse o sentido profundo da liberdade ou não se tem que afirmar que existe a liberdade também como *liberdade para a vida*, ou liberdade para um acréscimo de vida?

É interessante lembrar as figuras de Gene e de seu marido, defensores do movimento Morrer com Dignidade e da Luta pela Legalização da Eutanásia. É significativo e até paradoxal que Gene, no final de sua gravidez mostre de perto essa gravidez a Ramón ao colocar sua barriga perto do ouvido dele. Está-se frente a um contraste brutal, quase absurdo: alguém que defende o direito à eutanásia e ao mesmo tempo dá com alegria a vida ao nascituro. Talvez o que o filme busque explicitar é a tese de que não é porque se é a favor da eutanásia que se é contra a vida em geral, e, principalmente, contra novas vidas.

Pode-se interpretar esse contraste também de outra maneira. Estamos frente à contradição existencial com Gene. É a mesma pessoa que dá à vida com o nascimento de seu bebê, e luta pelo direito à

morte do corpo do outro. Como se nascimento involuntário (por parte de quem nasce) e morte voluntária (de quem opta pela eutanásia) tivessem a mesma dignidade em relação à vida humana. Não seria isso desfazer a reta compreensão entre dignidade da vida e liberdade, como se fosse digno nascer involuntariamente, mas indigno morrer voluntariamente? Ao que parece, Gene ilustra uma contradição inerente ao respeito pela vida do corpo. É essa contradição que surge sutilmente nas suas últimas palavras de despedida ao telefone com Ramón: *é mesmo isto [morrer] que você quer?*

Perguntamo-nos se não se esqueceu de um elemento principal: a liberdade em face da dignidade da vida do corpo que está em causa. Para Ramón, o suicídio é visto como libertação do corpo de uma existência *indigna*. O pedido para morrer pode mesmo ser compreensível ante as dificuldades da vida do corpo, da mente ou da alma. Mas não é por isso que nós, os outros, temos que considerar como aceitável uma solicitação de suicídio ou considerar como eticamente justificável o ato de eutanásia. Essa posição final depende de uma compreensão existencial da liberdade: somos livres para exercer a liberdade em proveito da vida e não a serviço da morte. Mas como fazer entender essa verdade existencial à pessoa portadora de tetraplegia, como no caso de Ramón? Ficamos sem resposta. É o filme explora muito bem essa angústia do expectador ⁸.

O corpo como denúncia

Nada é mais exposto no filme do que o corpo deficiente de Ramón, mostrado nos mínimos detalhes. Quando aparece na TV para fazer seu pedido e ganhar empatia pública e a dos juízes, apela para a exposição de seu corpo disforme e imóvel. O objetivo certamente era impressionar, mas acaba na verdade chocando. Por isso, busca convencer seus interlocutores morais a se transportarem de seus corpos não deficientes para a sua existência plena de limitações.

O silêncio do corpo de Ramón é contrastado com o excesso de falas do personagem. Ramón não deixa dúvidas de ser sarcástico, irônico e até cruel. A exibição de seu corpo é acompanhada por afirmações como: *passo toda a minha vida num inferno. A vida não é isso!* O inferno passa a ser o seu corpo imóvel, sua existência restrita ao quarto, totalmente dependente dos cuidados de seus familiares, em especial, sua cunhada, irmão e o sobrinho Xavier ⁹.

Ramón nega aceitar a cadeira de rodas ao dizer que *isto seria aceitar migalhas do que foi minha vida. Dois metros e uma viagem impossível, uma quimera, por isso quero morrer*, reclama à Júlia, considerando que isto o deixa mais confinado ainda. Somente vai aceitar utilizar cadeira de rodas, confeccionada sob medida com a colaboração de todos os familiares, sob sua supervisão, quando esse instrumento de

locomoção o leva ao encontro de seu objetivo maior: a morte. A sua vida passou a ser uma imposição: a obrigação de sobreviver das migalhas do que foi e o dever, garantido à sua revelia por seus familiares, de se manter vivo.

Cuidados sem ternura?

O cuidado que Ramón recebe parece perfeito do ponto de vista técnico: usufrui a possibilidade de escrever, ainda que utilizando uma palheta na boca, de telefonar etc. Os cuidados que lhe presta a cunhada são desinteressados e generosos. Mas não podemos esquecer de que estamos no campo da realidade rural, de uma família de camponeses bastante unidos, que levam vida muito simples e rústica, na qual as expressões de afeto são muito diferentes do que acontece num contexto urbano.

O paradoxo do caso Ramón, tal como vemos no filme, provém precisamente dessa dupla vertente: tem vida ativa do ponto de vista mental, vida criativa do ponto de vista literário (escreve poesias e até um livro sobre sua experiência) e uma imaginação que o situa para além da capacidade dos familiares. Mas mesmo assim quer morrer porque, segundo lhe parece, esta vida não é *viver*. A junção desses elementos é a razão para tornar a eutanásia sedutora, justificável e compreensível. O exemplo de Ramón demonstra que não se pode dizer que são apenas os abandonados e os que não recebem cuidados que desejam a eutanásia. Evi-

dencia um caso de alguém super bem cuidado, de tal maneira que não se pode criticar a família, mas mesmo assim deseja simplesmente morrer.

Podemos até dizer que faltou algo de essencial nos cuidados: conseguir fazer com que Ramón descobrisse e sentisse que sua presença não é *a mais*, mas que tem sentido. Temos o cuidado, sim, mas talvez falte ternura nesse cuidar. Nesse sentido, nunca vemos por parte dos familiares um gesto de ternura, um tocar das mãos, um abraço. O único abraço resulta de um pedido de Ramón ao sobrinho, no momento em que esse vai embora. É a expressão mais dramática desta falta em cuidá-lo, que muitas vezes não transmite ternura, manifesta-se na explosão do irmão mais velho, que em momento de muita angústia desabafa: *há 28 anos todos se tornaram escravos dele*.

O filme mostra que o cuidado vital básico do corpo, com todas as suas exigências, ainda não é suficiente para ajudar a pessoa tetraplégica a perceber que sua vida pode continuar a ter um sentido para além de todas as limitações inerentes à condição física limitante.

Apontamentos finais

Ramón Sampedro ferido em seu corpo, mas dolorido ainda em sua inferioridade, acabou por travar intensa batalha judicial para que pudesse se dar o direito de morrer. Irredutível na sua determinação, não

conseguindo pelas vias oficiais, descobre criativamente uma forma oficiosa de realizar o que queria.

A paralisia física nem sempre significa o fim de tudo. Pelo contrário, pode ser o início de uma vida de novas descobertas e criatividade. Podemos nos perguntar porque para Ramón Sampedro todas as propostas de ressignificação de vida foram descartadas e em determinados momentos até ridicularizadas? Há exemplos notáveis de superação, como os de Christopher Reeve (ator estadunidense que interpretou o Super Homem) e Stephen Hawking (cientista britânico), que podem transmitir muito mais que motivação aos portadores de necessidades especiais.

A cena do acidente, repetida inúmeras vezes em momentos-chave do filme, sugere uma tentativa de suicídio, ainda que inconsciente. Parece pouco ingênuo acreditar que alguém que tenha sido marinheiro, conhecido tantos países e singrado oceanos tão diferentes, não conhecesse o que estava acontecendo com o mar, abaixo do penhasco, no momento em que se lançou.

Simbolicamente, Ramón Sampedro morreu nesse momento. No prólogo de seu livro fala do momento crucial: *no dia 23 de agosto de 1968 fracturei o pescoço ao mergulhar em uma praia e bater com a cabeça na areia, desde esse dia sou uma cabeça viva e um corpo morto. Poderia dizer que sou o espírito falante de um morto... Considero*

o tetraplégico como um morto crônico que reside no inferno. Ali – para evitar a loucura – há os que se entretêm pintando, rezando, lendo, respirando ou fazendo algo pelos demais: há gostos para tudo! Eu me dediquei a escrever cartas. *Cartas do Inferno*. Difícil encontrar realismo mais cruel para descrever sua própria interpretação de condição de vida.

Se o Ramón histórico for parecido com o de *Mar Adentro*, guardaremos a imagem de um ser humano que, com inteligência e determinação férrea de não mais viver após o acidente, não conseguiu descobrir um sentido para continuar a viver. A morte é a solução. Nas cenas finais, esteticamente apresenta-se, no contexto de um crepúsculo (simbolicamente o fim) maravilhoso, o último diálogo entre Rosa e Ramón. Diz Rosa: se é verdade que existe vida após a morte, mande-me um sinal? Ao que Ramón responde rapidamente: claro que sim!, emendando, porém, de forma mais reflexiva: mas, depois que morremos não existe mais nada, é como quando antes de nascer. Vou estar nos seus sonhos. Obrigado do fundo do coração¹⁰.

Sem dúvida, essa fala revela que para ele a transcendência da vida não existe e sua morte é o fim de tudo; não existe a perspectiva de um futuro promissor com mais vida no além, como apresentam a sabedoria das religiões. Com certeza, para muitos, esse não é um *happy end*. Vários deficientes físicos que assistiram ao filme me disseram considerar Ramón um contra-

herói. O acusam de ser suicida em potencial, antes mesmo do acidente, vendo já no salto do penhasco a busca da própria morte. Enfim, essa foi a opção de Ramón. Não nos cabe medir responsabilidades ou julgar. Mesmo sem compreender ou até discordando da solução final, por questão de valores culturais, morais, éticos e religiosos, cabe questionar se é possível assumir uma atitude de respeito frente à opção inconcebível do outro?

Ao analisar o filme e ler as *Cartas do inferno* me veio à mente, inúmeras vezes, a história de Victor Frankl, notável psiquiatra suíço que sobreviveu no campo de concentração por ocasião da II Guerra Mundial. Em sua obra clássica, *O homem em busca de um sentido*, sublinha: o homem não é destruído pelo sofrimento, mas pelo sofrimento sem sentido. Em outra passagem cita Nietzsche, advertindo: quem tem um porquê viver, suporta quase todo e qualquer como¹¹. Frankl testemunha nos campos de concentração que aqueles que tinham um propósito, uma missão a cumprir, se encontravam em melhores condições para sobreviver.

Enfim, cada pessoa humana não deixa de ser um grande mistério e pobre razão aquela que orgulhosamente busca explicar e entender tudo. Ao assistirmos e analisarmos este filme, é difícil não nos sentirmos questionados nas emoções, certezas e valores de vida. Sem dúvida, trata-se de provocação que nos leva a aprofundarmos as razões de nossa esperança, do sentido

de viver, bem como de partir, sabedores vida, bem como pode existir muita vida na que somos de que existe muita morte na morte.

Resumen

¿Muerte, solución de vida? Una lectura bioética de la película Mar Adentro

Este artículo analiza el tema de la muerte asistida desde cuestionamientos levantados en la película española Mar Adentro (2004) del cineasta Alejandro Amenábar, sobre el drama del joven marino español Ramón Sampedro. Además de conmover plateas en el mundo entero, la película trajo a público una serie de cuestionamientos éticos sobre vida y muerte, entre los cuales se destacan: ¿cuál el valor de la vida humana cuando ésta es marcada por deficiencias que impiden la libertad y autonomía? ¿Lo que hacer cuando no se encuentran más motivos para vivir? ¿Continuar a vivir intentando traer nuevo significado a la vida sería posible o la opción por el suicidio asistido sería deseable como lo hizo Ramón Sampedro? Lejos de asumir una postura de jueces, mismo discordando de la solución final, este artículo argumenta por el derecho a lo respeto a lo cual merece todo ser humano.

Palabras-clave: Muerte. Eutanasia. Distanasia. Respeto. Autonomía. Libertad.

Abstract

Death, solution for life? The Sea Inside's bioethics reading

This article examines the issue of assisted death from the questions raised in the Spanish movie The Sea Inside (2004) from the filmmaker Alejandro Amenábar. The movie is about the tragedy of the young Spanish sailor Ramon Sampedro. Besides thrilling audiences worldwide, the film has brought the public a series of ethical questions about life and death, among them: what's the value of human life when it is marked by deficiencies that hinder freedom and autonomy? What to do when there is no reason to live anymore? Keep on living, trying to find another meaning for life or assisted suicide could be a desirable option as it was for Ramon Sampedro? Far from assuming a posture of judges, even disagreeing of the final solution, this article argues for the right of respect that each and every human being is entitled to.

Key words: Death. Euthanasia. Dysthanasia. Respect. Autonomy. Freedom.

Referências

1. Pessini L. Eutanasia: por que abreviar a vida? São Paulo: Loyola/Centro Universitário São Camilo; 2004.
2. _____. Distanasia: até quando prolongar a vida? 2ª ed. São Paulo: Loyola/Centro Universitário São Camilo; 2006.
3. Pessini L, Bertachini L. Humanização e cuidados paliativos. 3ª ed. São Paulo: Loyola/Centro Universitário São Camilo; 2006.
4. Pessini L, Bertachini L. O que entender cuidados paliativos. Paulus: São Paulo; 2007.
5. Querra MJ. Euthanasia in Spain: the public debate after Ramón Sampedro's case. Bioethics 1999,13(5):426-32.

6. Sampedro R. Cartas do inferno. São Paulo: Planeta; 2005.
7. Renaud ICR. Comentário do filme "Mar Adentro". Cadernos de Bioética 2006 Abr;(40):126.
8. _____. Op. Cit.; 2006:123-8.
9. Diniz D. Por que morrer? Comentários sobre o filme "Mar Adentro". Alter – Jornal de Estudos Psicanalíticos 2004; 23(1):124.
10. Sampedro R. Op. Cit.; 2005. p.17.
11. Frankl VE. Man's search for meaning. ed rev upd. New York: Pocket Books; 1984. p. 126.

Recebido: 19.2.2008

Aprovado: 27.3.2008

Contato

Leo Pessini – pessini@scamilo.edu.br